



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

VERÔNICA ANTONINO DA NÓBREGA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS

Souza - PB

2014

VERÔNICA ANTONINO DA NÓBREGA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos em Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Prof^ª Maria do Socorro Bezerra Duarte

Souza - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N754i Nóbrega, Verônica Antonino da
A importância da leitura nos anos iniciais [manuscrito] /
Verônica Antonino da Nóbrega. - 2014.
29 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Maria do Socorro Bezerra Duarte,
Departamento da Educação".

1. Leitura. 2. Prática Social. 3. Ler. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

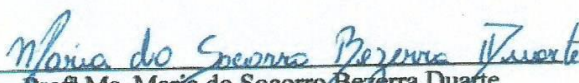
VERÔNICA ANTONINO DA NÓBREGA


IMPORTÂNCIA DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS

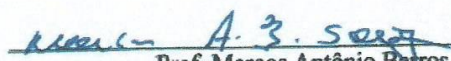
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos em Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 19/07/2014

Banca Examinadora


Prof.^a Ms. Maria do Socorro Bezerra Duarte
Orientadora
UEPB


Prof.^a Janine Vicente Dias
Examinadora
UEPB


Prof. Marcos Antônio Barros
Examinador
UEPB

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois o que seria de mim sem a fé que eu tenho nele.

A minha família, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

RESUMO

Um dos temas mais debatidos no meio educacional brasileiro é a questão da leitura, sua importância para a vida social de um indivíduo. Uma vez que a prática da leitura deve ser vista como um conjunto de comportamentos que são guiados por processos cognitivos armazenados na memória do indivíduo, os quais emergem durante o contexto da atividade leitura. Sendo assim, o objetivo maior da leitura é garantir a escrita como um bem cultural dentro do processo de ampliação e compreensão do mundo e, essa tarefa, não está ligada somente nas séries iniciais, uma vez que se quebra a base de um processo longo, que deverá ser iniciado, provocado, sustentado e desenvolvido durante as experiências escolares, afirmando que se formam leitores na relação dialógica entre aquele que ensina e aquele que aprende. Embora seja de grande importância, a leitura exerce na vida da criança um papel fundamental no desenvolvimento emocional bem como na capacidade de expressar melhor suas idéias, em geral, de acordo com Machado (2001), elas não gostam de ler e fazem-no por obrigação. Mas afinal, por que isso acontece? Talvez seja pela falta de exemplo dos pais ou dos professores, talvez não. Para tanto este trabalho traz como objetivo apresentar de forma simples e clara que a leitura é um processo que se evidencia através da interação entre os diversos níveis de conhecimento do leitor: o conhecimento linguístico; o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Sendo assim, o ato de ler caracteriza-se como um processo interativo.

Palavras chaves: Escola, Leitura e Prática social.

ABSTRACT

One of the most debated topics among Brazilian education is the question of reading its importance to the social life of an individual. Since reading practice should be seen by all as a set of behaviors that are guided by cognitive processes stored in the memory of the individual which emerge during the activity context reading. Thus, the major purpose of reading is to ensure writing as a cultural asset in the process of expansion and understanding of the world, and this task is not linked only in the initial series, since it logs the basis of a long process , to be initiated , caused , sustained and developed during the school experiences , stating that form the dialogical relationship between readers who teach and those who learn . Although it is of great importance reading plays in a child's life a key role in emotional development as well as the ability to better express their ideas in general, according to Machado (2001 p. 23), they do not like to read and do it out of obligation . But anyway , why does this happen ? Perhaps the lack of such parents or teachers , maybe not. Therefore this work has as objective to present a simple and clear that reading is a process which is evident through the interaction between the different levels of knowledge of the reader : linguistic knowledge , textual knowledge and world knowledge . Thus, the act of reading is characterized as an interactive process.

Keywords : school, reading , social practice

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I.....	10
1. CONCEITUANDO A LEITURA1	10
1.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA ESCOLA	12
CAPÍTULO II.....	19
2. A IMPORTÂNCIA DE OUVIR HISTÓRIAS.....	19
2.1 Escola e leitura.....	23
CAPÍTULO III	26
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
ANEXOS	30

1. INTRODUÇÃO

A prática da leitura deve ser vista por todos como um conjunto de comportamentos que são guiados por processos cognitivos armazenados na memória do indivíduo, os quais emergem durante o contexto da atividade da leitura. Sendo assim, o objetivo maior da leitura é garantir a escrita como um bem cultural dentro do processo de ampliação e compreensão do mundo e, essa tarefa, não está ligada somente nas séries iniciais, uma vez que se quebra a base de um processo longo, que deverá ser iniciado, provocado, sustentado e desenvolvido durante as experiências escolares, afirmando que se formam leitores na relação dialógica entre aquele que ensina e aquele que aprende.

Apesar de hoje já ter se tornado evidente a importância da leitura enquanto prática social, ainda é bem comum observarmos crianças que frequentam classes regulares de escolas públicas de ensino fundamental afirmar não gostar de ler. Isso se torna algo ainda mais evidente na medida em que procuramos fazer uma análise reflexiva acerca do ensino de leitura no Brasil em nossos dias atuais.

A leitura nos ajuda a fazer relações com o mundo e ampliar a visão que temos do mesmo, Por meio da leitura e de nossa visão de mundo, conseguimos o domínio da palavra. Por meio da palavra, trocamos ideias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo que nos cerca. Com o domínio da palavra nós nos transformamos e, ao nos transformar, nos é permitido construir um mundo melhor.

O trabalho monográfico encontra-se organizado da seguinte maneira: introdução, que faz uma breve apresentação do trabalho, o capítulo I que conceituando a leitura, o capítulo II que aborda a importância de ouvir histórias, o capítulo IV, traz o percurso metodológico para a elaboração do trabalho, por fim as considerações finais. Este trabalho traz como objetivo apresentar de forma simples e clara que a leitura é um processo que se evidencia através da interação entre os diversos níveis de conhecimento do leitor: o conhecimento linguístico; o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Sendo assim, o ato de ler caracteriza-se como um processo interativo.

CAPÍTULO I

1. CONCEITUANDO A LEITURA

A palavra leitura vem do latim "*lectura*" e dentro da sua originalidade quer dizer "eleição, escolha, leitura". Também se designa por leitura a obra ou o texto que se lê.

A leitura é a forma mais simples de se interpretar um conjunto de informações que estão presentes dentro dos livros, em uma notícia de jornal, entre outros ou um determinado acontecimento. É uma interpretação pessoal que cada indivíduo tem sobre um determinado fato.

Despertar o hábito de leitura dentro do ambiente de sala de aula é uma prática extremamente importante para desenvolver o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação. O ato de ler, para Brandão e Micheletti (2002, p. 9):

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

O prazer em folhear páginas de uma obra para ler deve ser despertado logo na infância. O hábito da leitura faz parte da formação cultural de cada indivíduo. A leitura estimula a imaginação, proporciona a descoberta de diferentes hábitos e culturas, amplia o conhecimento e enriquece o vocabulário.

Com todos os avanços ocorridos na sociedade atual, no meio tecnológico, a leitura é o processo de descodificação de dados armazenados em um suporte, por exemplo, a leitura dos dados de um CD através do computador. O registro das informações feitas por um instrumento de medida são também designado por leitura, por exemplo, a leitura da água ou da luz.

É por meio da leitura que o indivíduo interage com o meio social em que vive, a prática da leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social. Assim, um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que é atualizada a linguística e a temática por um leitor.

Os PCNs (2001, p. 53) de Língua Portuguesa trazem em suas páginas, meios de como se trabalhar a leitura, traz seu conceito sobre leitura, onde a prática é definida como:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Seguindo os pressupostos apresentados pelos PCNs, fica evidente que o verdadeiro ato de ler, não se restringe apenas a decodificação das letras e sim uma atividade que busca verdadeiramente a compreensão dos sentidos a serem construídos antes da leitura propriamente dita.

Na visão de Kleiman (1989, p. 10), *“leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”*. Portanto, a leitura deve ser entendida como o resultado de sentido. O texto é o resultado de um trabalho anterior do autor e chega até o leitor convidando, desafiando a sua importância da leitura. Ler não é, pois decodificar, traduzir, repetir sentidos dados como prontos, é construir uma sequência de sentidos a partir dos índices que o sentido do autor quis dar a seu texto. Assim, de acordo com os PCNs(2001, p. 54):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua, que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para abordá-los de forma a atender essa necessidade.

De acordo com os PCNs, o bom leitor, é aquele que realiza a atividade de leitura, fazendo um diálogo com texto, interagindo com o mesmo, e logo em seguida, produzir textos bem definidos, bem elaborados, coesos e coerentes.

O objetivo da leitura é formar cidadãos qualificados para compreender diferentes textos com os quais se defrontam. Portanto, a escola deve oferecer materiais de qualidade para seus educandos, para torná-los leitores proficientes, com práticas de leituras eficazes.

O leitor qualificado é aquele que consegue interagir com o texto, identificando não apenas elementos explícitos no texto, mas também lendo nas entrelinhas, ou seja, extraindo significados também de elementos que não estão explícitos no texto. Tratando da formação do leitor competente os PCNs (2001, p. 54) dizem que: *“Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito”*. O leitor qualificado consegue estabelecer relações entre os textos lidos que lê e outros textos já lidos, sabendo que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, uma vez

que “o leitor constrói e não apenas recebe um significado global para o texto” (KLEIMAN, 1989, p. 65).

O ato de ler é fundamental para a aprendizagem, seja ela em qualquer área do conhecimento. . A formação de um leitor competente, segundo os PCN (2001, p. 54), “só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente”.

Destarte, para que haja o sucesso do aluno leitor, é fundamental o papel do professor, pois para despertar nos alunos o gosto pela leitura, em sala de aula, será preciso que o professor tenha consciência da importância que a leitura trará para o desenvolvimento sócio-cultural de seus educandos. Por outro lado, sabe-se que se a leitura deve ser um hábito, também deve ser para o aprendiz fonte de prazer e lazer, é interagir com o seu meio, fazendo uso da mesma. Para isso deverá ser sugerida e incentivada o mais cedo possível para o indivíduo por seus pais e familiares através de contos, histórias, cantigas e brincadeiras que possam contribuir com o desenvolvimento do processo de construção da mesma.

1.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA ESCOLA

As atividades com leitura dentro da prática docente têm o objetivo de compreender uma prática social bem complexa, pois o professor deve trabalhar com uma gama de diversidades de textos e de combinações entre eles, incluindo a leitura de mundo.

O trabalho com a leitura deve apresentar para o aluno, um significado para sua vida fora dos muros da escola, com isso os PCNs (2001, p.54)

diz que trabalhar com o verdadeiro significado da *leitura* “significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes para “quês”- resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto”.

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com um livro, enfim, em todos estes casos, estamos de certa forma lendo, embora muitas vezes isto não seja percebido.

A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. Segundo Angela Kleiman, a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos.

Seguindo esse pensamento, o processamento do texto, tornam-se imprescindíveis também alguns conhecimentos prévios do leitor:

oslinguísticos, que correspondem ao vocabulário e regras da língua e seu uso; *os textuais*, que englobam o conjunto de noções e conceitos sobre o texto; e *os de mundo*, que correspondem ao acervo pessoal do leitor. Numa leitura satisfatória, ou seja, na qual a compreensão do que se lê é alcançada, esses diversos tipos de conhecimento estão em interação. Logo, percebemos que a leitura é um processo interativo.

Quando citamos a necessidade do conhecimento prévio de mundo para a compreensão da leitura, podemos inferir o caráter subjetivo que essa atividade assume.

Com base nos ensinamentos de Kleiman, cada um lê com os olhos que tem. E interpreta onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre uma releitura.

A partir daí, podemos começar a refletir sobre o relacionamento leitor-texto. Já dissemos que ler é, acima de tudo, compreender. Para que isso aconteça, além dos já referidos processamento cognitivo da leitura e conhecimentos prévios necessários a ela, é preciso que o leitor esteja comprometido com sua leitura. Ele precisa manter um posicionamento crítico sobre o que lê, não apenas passivo. Quando atende a essa necessidade, o leitor se projeta no texto, levando para dentro dele toda sua vivência pessoal, com suas emoções, expectativas, seus preconceitos etc. É por isso que consegue ser tocado pela leitura.

Dessa forma, o único limite para a amplidão da leitura é a imaginação do leitor; é ele mesmo quem constrói as imagens acerca do que está lendo. Por isso ela se revela como uma atividade extremamente frutífera e prazerosa. Por meio dela, além de adquirirmos mais conhecimentos e cultura - o que nos fornece maior capacidade de diálogo e nos prepara melhor para atingir às necessidades de um mercado de trabalho exigente -, experimentamos novas experiências, ao conhecermos mais do mundo em que vivemos e também sobre nós mesmos, já que ela nos leva à reflexão.

E refletir, sabemos, é o que permite ao homem abrir as portas de sua percepção. Quando movido por curiosidade, pelo desejo de crescer, o homem se renova constantemente,

tornando-se cada dia mais apto a estar no mundo, capaz de compreender até as entrelinhas daquilo que ouve e vê, do sistema em que está inserido. Assim, tem ampliada sua visão de mundo e seu horizonte de expectativas.

Desse modo, a leitura se configura como um poderoso e essencial instrumento libertário para a sobrevivência do homem. Há entretanto, uma condição para que a leitura seja de fato prazerosa e válida: o desejo do leitor. Quando transformada em obrigação, a leitura se resume a simples enfado. Para suscitar esse desejo e garantir o prazer da leitura. Assim, a leitura passa a ser um ímã que atrai e prende o leitor, numa relação de amor da qual ele, por sua vez, não deseja desprender-se.

As exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões da vida das pessoas: ao trabalho, à participação social e política, à vida familiar e comunitária, às oportunidades de lazer e desenvolvimento cultural.

O mundo passa atualmente por uma revolução tecnológica que está alterando profundamente as formas de trabalho e de interação, onde, numa economia cada vez mais globalizada, a competitividade desponta como necessária à subsistência humana. No afã de auto-superar o homem moderno terminou o século XX em desarmonia consigo mesmo, sem reflexão crítica sobre as suas reais necessidades, as quais deveriam permear o próximo milênio.

Sobre esta vertente, torna-se oportuna a discussão sobre as formas de lidar com os novos tempos e, portanto, emergir o discurso sobre a qualidade de ensino na escola, atentando para a ascensão no nível de educação de toda população e detectando os fatores que possam atender às novas exigências educativas que a própria vida cotidiana impõe de maneira crescente no meio social.

Neste sentido, um dos instrumentos imprescindíveis para uma formação geral e que possibilite cidadãos críticos, autônomos e atuantes, nesta sociedade em constante mutação, seria a prática de leituras variadas que promovam, de maneira direta ou indireta, uma reflexão sobre o contexto social em que estão inseridas, uma vez que o movimento dialético da leitura deve inserir o leitor na história deste milênio e o constituir como agente produtor de seu próprio futuro.

O exercício da leitura, tal qual se encontra atualmente legitimado nas escolas, não vai além de mera decodificação de signos gráficos, os quais são permeados de fragmentos de livros didáticos, para não fugir à regra imposta coativamente ao longo dos tempos da história do ensino em nosso país, servindo como fonte de disseminação de uma ideologia, a

ideologia que vai ao encontro dos interesses dos detentores do poder: a massificação e formatação do conhecimento humano.

Tal postura transforma o ato de ler em enfadonho, acrítico, mecânico e, dessa forma, distante de uma categoria que unia o ato de ler ao prazer, que permita a leitura como fonte de lazer.

As poucas experiências com a leitura afastam o leitor do contexto social e cultural, faz com que desconheça o que de mais profundo o homem pensou e escreveu sobre si, alienando-se das informações e, conseqüentemente obsta sua participação ativa e efetiva na sociedade em que está inserido.

Por esta perspectiva, obvia-se a necessidade da formação de leitores, pois percebe-se que sua participação no contexto social depende de sua visão de mundo, de seus valores, de seus conhecimentos, de sua reflexão e visão crítica, enfim, da leitura como instrumento do conhecimento.

Diante dos impasses tecnológicos e culturais do final do milênio, a Escola se revela como uma das instituições mais ameaçadas pelos novos rumos da sociedade. Espaço privilegiado do saber, a Escola mantém a escrita da palavra como texto básico no ensino, embora o mundo das imagens virtuais já faça parte da realidade de muitos alunos.

A velocidade das novas linguagens adentrou o cotidiano, atropelando o ritmo harmônico do aprendizado, e ao pretender uma atualização, a Escola assimila o novo sem a devida reflexão. Ou seja, persiste num ritmo de leitura pouco apropriado à formação do pensamento crítico, com as informações e novidades sendo incorporadas de maneira aleatória, sem uma visão científica necessária para a construção do conhecimento.

Na pressa de estar em sintonia com as inovações, a Escola desconsidera o processo formador de aprendizagem, limitando-se a investir na circulação de imagens e deixando de observar a qualidade dos textos que oferece a seus alunos como fonte de leitura, promovido no seu espaço. Priorizando a substituição do conhecimento por informação, a Escola se descompassa e, sem formar leitores críticos ou inculcar o hábito da leitura, prepara mal o cidadão que escreverá o “texto futuro”, que escreverá e perpetuará a nossa história.

Nesta perspectiva, o exercício da leitura transcende, em muito, a utilização de materiais, muitas vezes empregados como modismos em sala de aula. A formação do leitor impõe-se como prioridade a ser seguida, pressupondo a figura do professor, como interlocutor ativo no diálogo da leitura, a fim de instigar e promover leitores que estejam à procura de respostas às suas próprias indagações e a desconfiar dos sentidos das letras impostas por

textos insignificantes para, desta forma, encontrar nos livros, a fonte de sua sabedoria e inspiração, resgatando a história do conhecimento, tão necessária nos novos tempos, em que as mudanças são rápidas e atropelam o próprio “saber humano”.

O desafio se encontra na necessidade da busca e implementação de mecanismos que propiciem a atração pela leitura na mais tenra idade, na fase da infância, em que a criança está descobrindo seu microcosmo, seu mundo, está despertando para a realidade subjacente e tentando participar desta realidade com suas novas fantasias e descobertas.

É oportuno citar o que, já no século XVII, afirmava o filósofo John Locke: “(...) deve ser dado à criança algum livro fácil e agradável, adequado à sua capacidade, a fim de que o entretenimento que ela busca a motive e recompense.”

A Escola insere-se neste contexto como instrumento hábil a implementar a leitura na Educação Infantil e Séries Iniciais, motivando os jovens leitores através de uma mudança de concepção, ou seja, transformando a leitura como algo agradável, fonte não apenas de informação, mas principalmente de lazer.

É o que se pretende ao longo deste trabalho de cunho bibliográfico, através da escrita demonstrar aos leitores a relevância do educador na formação de novos leitores, numa concepção de que, sem rupturas no processo ensino-aprendizagem, a leitura pode ser empregada como mecanismo de lazer, cultura e formação. Assim Locke:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. (...) Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente - o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor.

De acordo com as visões que a escola tem com relação a leitura, e aos objetivos da leitura ou ao “Para que ler na escola?”, pode-se afirmar que ainda não existe nos currículos conhecidos e analisados, uma concretização de um pressuposto geral básico, qual seja, o da articulação entre a função social da leitura e o papel da escola na formação do leitor. Se dimensionarmos essa função social como sendo a necessidade do conhecimento e a apropriação de bens culturais, a leitura funciona, em certa medida, um meio e não um fim, em si mesma. Daí a importância do papel da escola em relação à leitura, que é o de oferecer aos alunos mecanismos e situações em que eles “aprendam a ler e, lendo, aprendam algo”. Oportuna a citação:

A escola precisa ser um espaço mais amplamente aberto a todos os aspectos culturais do povo, e ir além do ensinar a ler e a fazer as quatro operações. Precisa

investir em bons livros, considerando que a cultura de um povo se fortalece muito pelo prazer da leitura; e a escola representa a única oportunidade de ler que muitas crianças têm. É necessário propiciar nas salas de aula e na biblioteca a dinamização da cultura viva, diversificada e criativa, que representa o conjunto de formas de pensar, agir e sentir do povo brasileiro. (BRAGA,1985,P.7)

O conceito básico de leitura, nesse contexto, passa ser então a “produção de sentido”. Essa produção de sentido, por conseguinte, é determinada pelas condições socioculturais do leitor, com os seus objetivos, seus conhecimentos de mundo e de língua, que lhe possibilitarão a leitura.

Nesse sentido, a construção do conhecimento, segundo entendimento de alguns autores como elemento principal, se efetivará pelo hábito da leitura, uma vez inserida e enfatizada no contexto escolar. Afinal, é principalmente através da leitura que os alunos poderão encontrar respostas aos seus questionamentos, dúvidas e indagações, mormente no que concerne aos caminhos por onde permeiam na construção do seu conhecimento, e não apenas vinculados e adstritos a uma metodologia tradicional.

Assim, sempre se pergunta sobre a leitura na escola: compromisso de todas as áreas?

Já relatava Santo Agostinho, que com suas sábias palavras não aprendemos senão palavras; antes, o som e o ruído das palavras, porque, se o que não é sinal não pode ser palavra, não sei também como possa ser palavra, aquilo que ouvi pronunciado como palavra enquanto não lhe conhecer o significado. Só depois de conhecer as coisas se consegue, portanto, o conhecimento completo das palavras.

Como já apresentado em outras linhas, as exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões da vida das pessoas: ao trabalho, à participação social e política, à vida familiar e comunitária, às oportunidades de lazer e desenvolvimento cultural, dentre outros aspectos.

O mundo, atual passa por uma revolução tecnológica que está alterando profundamente as formas de trabalho e de interação entre as pessoas e as entidades num contexto cada vez mais globalizado.

Em sua constante e ansiosa busca de auto superação, o homem moderno fecha o século XX em desarmonia com o tempo de reflexão e da crítica que, numa nova concepção humanista, deveriam permear o momento contemporâneo em que se vive, considerado por muitos como o ápice para o desenvolvimento.

Sob esse prisma, torna-se salutar discutir as diferentes formas de lidar com esses “novos tempos” e, dentro deste contexto, encontra-se inserido de maneira inarredável, a necessidade de se fazer emergir a discussão sobre a qualidade de ensino nas escolas,

atentando para a ascensão no nível de educação de toda a população, em especial da Educação Infantil e Séries Iniciais em razão de sua importância na formação inicial do futuro cidadão o qual, cômico de seus direitos e obrigações, participará de maneira efetiva do “pacto social”, ou seja, do momento político-social e cultural em que se encontrar, não será um “excluído”. Indiscutivelmente, esta é, senão a única, provavelmente uma das mais relevantes maneiras com que se possa atender às novas exigências educativas que o cotidiano impõe de maneira sistemática e crescente nas relações sociais: A discussão crítica e aberta da educação.

Trilhando por essa linha de pensamento, a instituição escolar deve se constituir num espaço que produza conhecimento; todo e qualquer processo de construção deve estar engajado numa prática democrática, onde educador e educando sejam vistos como agentes e sujeitos simultâneos nas relações de ensino e aprendizagem, delineando papéis desprendidos da mitificação unilateral ou seja, valorando a iniciativa à pesquisa, e a superação dos limites em prol de uma atuação positiva, acompanhando a evolução da sociedade em constante mutação.

Dessa forma, apenas para exemplificar, referindo-se especificamente as aulas de língua portuguesa, constata-se, na atual prática pedagógica, a legitimação das diferenças entre os grupos sociais, ocasionados, principalmente, pela dicotomia formada pela língua padrão que é utilizada na instituição escolar, e aquela normalmente utilizada pelos alunos de classes populares, historicamente estigmatizadas como sendo inadequadas.

CAPÍTULO II

2. A IMPORTÂNCIA DE OUVIR HISTÓRIAS

O Ato de ouvir histórias é algo tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas de todas as faixas etárias. Se os adultos gostam de ouvir uma boa história, ou seja, um "bom caso", a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é bem mais intensa.

A narrativa faz parte da vida da criança, pois ainda bebê, através da voz amada das mães, dos acalantos e das canções de ninar, que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda, a histórias curtas sobre crianças, animais ou natureza. Neste cenário crianças bem pequenas, já demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. Neste sentido, é fundamental para a formação da criança que ela ouça muitas histórias desde a mais tenra idade.

O primeiro contato da criança com um texto é realizado de forma oral, quando o pai, a mãe, os avós ou outra pessoa começam a contar-lhe os mais diversos tipos de histórias. A preferida, nesta fase, é a história da sua vida. A criança fica encantada ao ouvir histórias de como foi que ela nasceu, ou fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família. À medida que cresce, já é capaz de escolher a história que quer ouvir, ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão começando aos poucos a ficarem mais extensas e bem mais detalhadas.

Assim, passado algum tempo, as crianças despertam um maior interesse por histórias inventadas e pelas histórias dos livros, como: contos de fadas ou contos maravilhosos, poemas, ficção, etc. Observa-se nesta perspectiva, a possibilidade de envolver o real e o imaginário que de acordo com Sandroni & Machado (1998, p.15) verifica-se que "os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real".

É de fundamental importância contar histórias mesmo para aquelas crianças que já sabem ler, pois segundo Abramovich (1997, p.23) "quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las". Quando as crianças maiores ouvem as histórias, elas aperfeiçoam a sua capacidade de imaginação, já que ouvi-las vem a estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar e o recriar. Em nosso mundo

atual tão dominado pelas tecnologias, onde as informações estão tão prontas, a criança que não tiver a oportunidade de produzir seu imaginário, poderá no futuro, vir a ser um indivíduo sem senso crítico, com pouca criatividade, e até mesmo sem sensibilidade para compreender aquilo que faz parte de sua própria realidade.

Ao ouvir as histórias, a criança passa a agir mutuamente com as elas, acrescentando detalhes, personagens ou até mesmo consegue lembrar-se de fatos que passaram despercebidos pelo contador, que em muitos casos é o professor em sala de aula. Essas histórias reais são fundamentais para que a criança firme a sua identidade, compreendendo melhor as relações familiares. Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança. Contar e ouvir uma história estando bem aconchegado por quem se ama é compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros.

Portanto, garantir a riqueza dos detalhes das histórias desde os primeiros anos de vida da criança contribui grandemente para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação, que segundo Vigotsky (1992, p.128) caminham juntos:

"A imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista.". Contudo, neste sentido, o autor enfatiza que na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade. De acordo com Vigotsky esse distanciamento da realidade através de uma história por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade: "afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece" (VIGOTSKY, 1992, p.129).

O contato da criança com o livro pode acontecer muito antes do que os adultos imaginam. Muitos pais acreditam que a criança que não sabe ler não se interessa por livros, portanto não precisa ter contato com eles. O que se percebe é bem ao contrário. Segundo Sandroni& Machado (2000, p.12) "*a criança percebe desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer*". As crianças bem pequenas interessam-se pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas, identificando-as e nomeando-as. É de fundamental importância que a criança tenha contato com o livro desde cedo.

Ler histórias para as crianças, sempre, bom. É suscitar o imaginário, é despertar a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar muitas ideias para solucionar questões que surgem dentro das histórias, é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar. Afinal, tudo pode nascer de um texto. O significado de escutar

histórias é bastante amplo. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessamos e vivemos de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história, cada qual a seu modo.

Dentro do universo escolar, especificamente nas salas de aula, o ato de contar histórias vem a ser um desafio enorme, pois com a sociedade em constante mudança, é na escola que a criança tem o contato com os contos infantis, garantindo sua independência, perante o adulto quando a mesma alcança a capacidade de ler. Ler tem de ser algo bom, um prazer, nunca visto como um sacrifício tem de ser sempre desejado, tornando a leitura algo que faça tanta falta.

Para Cavalcanti (2009):

O leitor infantil pode ser muito facilmente envolvido pelo momento de ouvir a história, desde que este momento seja bem conduzido. Pensando nisso, para narrar a história de forma sedutora, prazerosa e envolvente o contador - no caso o educador - precisa ser apaixonado pelo mundo do faz-de-conta, pois estar comprometido afetivamente com a narrativa é ponto principal, isso porque a história precisa ser contada com sentimento, entrega e partilha. (CAVALCANTI, 2009 p.47)

Seguindo os pressupostos defendidos por Cavalcanti, o bom contador de história é alguém que possui a virtude natural para fazer da palavra o canto mágico das narrativas. Dessa forma, podemos dizer que a história leva a criança para um passado misterioso, o instiga para o futuro onde se pode viajar pelas galáxias, ou seja, é possível ir até onde sua imaginação chegar.

Ainda de acordo com as palavras de Cavalcanti, quando realizamos a leitura ou contamos uma história, o fazemos através de um gesto voluntário de buscar um preenchimento que nos envia um prazer, nos mantendo em sintonia com a descoberta do novo. Sendo assim, o gosto pela leitura é algo que se provoca pelo afeto e o gosto e o prazer são recursos essenciais que devemos buscar para a inclusão do hábito de ler nas escolas alcançando nossos leitores que, por meio dessa prática, se tornaram leitores apaixonados e comprometidos.

Através do hábito da leitura é que ocorre o processo de construção do conhecimento mesmo antes de saber ler, pois, é de ouvi-las que se treina a relação com o mundo, fazendo do momento de contar, recontar, inventar e ouvir o estímulo para manter viva a importância da leitura. Oliveira (2009, p. 55) acrescenta que a criança que, desde muito cedo, entrar em contato com a obra literária, terá uma compreensão muito maior de si e do outro, tendo a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo e ampliar seus horizontes da cultura e do

conhecimento, dessa maneira, sua visão será melhor em relação ao mundo e da realidade que a cerca.

Certamente, por esse motivo que a autora busca despertar em todos que a leitura infantil deveria estar presente na vida da criança da mesma forma que se oferece o leite em sua mamadeira, pois ambos cooperam para o desenvolvimento dos indivíduos, ou seja, um é o alimento para seu desenvolvimento físico e o outro para o desenvolvimento intelectual e afetivo.

Então, aos adultos, num geral, cabe a reflexão da importância desse assunto, pois contar e ouvir histórias para as crianças desde seus primeiros anos de vida é uma prática edificante que desperta dentro de cada um o gosto pela leitura e a construção e ampliação de seu conhecimento.

É importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, de forma que ela tenha um contato bem íntimo com o objeto do seu interesse. A partir daí, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo fascinante, onde a fantasia apresenta-se por meio de palavras e desenhos. De acordo com Sandroni & Machado (1998, p.16) "*o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente*". É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura.

Por tanto, por meio da leitura, a criança compreenderá que o livro é um passaporte para o ilimitado mundo da ficção ou da realidade.

Manter o hábito da leitura no espaço escolar, especificamente dentro das salas de aula, é reconhecer o efeito enriquecedor que se manifesta em cada pessoa, assim esperamos que o trabalho com a leitura literária pudesse produzir resultados eficazes e amadurecidos, pois a criança, ao manusear o livro ou o objeto de leitura, torna-se capaz de identificar a imagem e estabelecer uma relação direta com a linguagem, sendo muitos os benefícios que esse contato pode desenvolver, estimulando a memória e a capacidade de construir as informações por meio da fantasia vivendo um mundo repleto de conhecimentos.

Para isso, os educadores devem buscar metodologias para serem aplicadas em sala de aula de maneira que o ato de ler e contar histórias sejam algo gostoso para garantir que o hábito e o gosto pela leitura venham a ser tão importante como o alimento para a sobrevivência. Nesse trabalho, autores apontam a proposta da dramatização sendo outro modo de ler e que a criança irá expor o que ouviu por meio da encenação.

A dramatização, além de contribuir para a aprendizagem, traz o meio de socializar propondo uma interação uns com os outros e uma troca de informações entre os mesmos, sendo uma prática que colabora para o crescimento cultural, da linguagem oral e corporal.

Através da dramatização, o professor faz com que todos participem, e em momentos como montagem de cenário com os objetos que existem em sala de aula, apesar de serem tão pequenos, são bem inteligentes e criativos, cantaram, dançaram e narraram de forma extrovertida e empolgante.

O educador e contador de história ao narrar o conto faz as intervenções necessárias para que as crianças brinquem de teatro sendo os personagens da história, podendo mudar as cenas, as falas e até o final.

As etapas que são necessárias para o desenvolvimento da dramatização, são de início a roda de conversa, apresentação de diversas obras literárias para a escolha da história pelos próprios alunos, a proposta de brincar de encenar o conto, a dramatização sendo o teatro apresentado pelas crianças e, no final, outra roda de conversa para a troca de experiências uns com os outros e com o educador.

Esse desafio de contar história e dramatizar permite que a criança participe ativamente, firmando a importância de tornar o momento da leitura algo que lhes tragam prazer.

2.1 Escola e leitura

No que se refere à Escola e aos objetivos da leitura ou ao “Para que ler na escola?”, pode-se afirmar que ainda não existe nos currículos conhecidos e analisados, uma concretização de um pressuposto geral básico, como seja, o da articulação entre a função social da leitura e o papel da escola na formação do leitor. Se dimensionarmos essa função social como sendo a necessidade do conhecimento e a apropriação de bens culturais, a leitura funciona, em certa medida, um meio e não um fim, em si mesma. Daí a importante papel da escola em relação à leitura, que é o de oferecer aos alunos mecanismos e situações em que eles “aprendam a ler e, lendo, aprendam algo”.

Oportuna a citação:

A escola precisa ser um espaço mais amplamente aberto a todos os aspectos culturais do povo, e ir além do ensinar a ler e a fazer as quatro operações. Precisa investir em bons livros, considerando que a cultura de um povo se fortalece muito pelo prazer da leitura; e a escola representa a única oportunidade de ler que muitas crianças têm. É necessário propiciar nas salas de aula e na biblioteca a dinamização

da cultura viva, diversificada e criativa, que representa o conjunto de formas de pensar, agir e sentir do povo brasileiro. (BRAGA,1985, p.7)

O conceito básico de leitura, nesse contexto, passa ser então a “produção de sentido”. Essa produção de sentido, por conseguinte, é determinada pelas condições socioculturais do leitor, com os seus objetivos, seus conhecimentos de mundo e de língua, que lhe possibilitarão a leitura.

Nesse sentido, a construção do conhecimento, segundo entendimento de alguns autores como elemento principal, se efetivará pelo hábito da leitura, uma vez inserida e enfatizada no contexto escolar. Afinal, é principalmente através da leitura que os alunos poderão encontrar respostas aos seus questionamentos, dúvidas e indagações, mormente no que concerne aos caminhos por onde permeiam na construção do seu conhecimento, e não apenas vinculados e adstritos a uma metodologia tradicional.

As exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões da vida das pessoas: ao trabalho, à participação social e política, à vida familiar e comunitária, às oportunidades de lazer e desenvolvimento cultural, dentre outros aspectos.

O mundo, atual passa por uma revolução tecnológica que está alterando profundamente as formas de trabalho e de interação entre as pessoas e as entidades, num contexto cada vez mais globalizado.

Em sua constante e ansiosa busca de auto superação, o homem moderno fecha o século XX em desarmonia com o tempo de reflexão e da crítica que, numa nova concepção humanista, deveriam permear o momento contemporâneo em que vivemos, considerado por muitos como capitalista e excludente.

Sob esse prisma, torna-se salutar discutir as diferentes formas de lidar com esses “novos tempos” e, dentro deste contexto, encontra-se inserido de maneira inarredável, a necessidade de se fazer emergir a discussão sobre a qualidade de ensino nas escolas, atentando para a ascensão no nível de educação de toda a população, em especial da Educação Infantil e Séries iniciais em razão de sua importância na formação do futuro cidadão o qual cômico de seus direitos e obrigações participará, de maneira efetiva, do “pacto social”, ou seja, do momento político-social e cultural em que se encontrar, não será um “excluído”. Indiscutivelmente, esta é, senão a única, provavelmente uma das mais relevantes maneiras com que se possa atender às novas exigências educativas que o cotidiano impõe de maneira sistemática e crescente nas relações sociais: A discussão crítica e aberta da educação.

Trilhando por essa linha de pensamento, a instituição escolar deve se constituir num espaço que produza conhecimento; todo e qualquer processo de construção deve estar engajado numa prática democrática, onde educador e educando sejam vistos como agentes e sujeitos simultâneos nas relações de ensino e aprendizagem, delineando papéis desprendidos da mitificação unilateral ou seja, valorando a iniciativa à pesquisa, e a superação dos limites em prol de uma atuação positiva, acompanhando a evolução da sociedade em constante mutação.

CAPÍTULO III

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho apresenta dentro de sua metodologia a Pesquisa Exploratória. Como o próprio nome indica, a pesquisa exploratória permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, visto que este ainda é pouco conhecido, pouco explorado. Nesse sentido, caso o problema proposto não apresente aspectos que permitam a visualização dos procedimentos a serem adotados, será necessário que o pesquisador inicie um processo de sondagem, com vistas a aprimorar idéias, descobrir intuições e, posteriormente, construir hipóteses.

Por ser uma pesquisa bastante específica, podemos afirmar que ela assume a forma de um estudo de caso, sempre em consonância com outras fontes que darão base ao assunto abordado, como é o caso da pesquisa bibliográfica e das entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma gama de leitura onde vários autores fazem seus relatos sobre a importância da leitura dentro do ambiente escolar para a inserção do sujeito dentro da sociedade, ficou bastante evidenciado que o lugar adequado para a realização desse processo e que esta obtenha êxito é a escola.

Uma vez que formar leitores é uma tarefa que começa antes mesmo da alfabetização e se estende por toda a vida escolar. É muito importante que o sujeito tenha contato com a leitura desde pequeno, pois a leitura frequente ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita.

A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, facilita a alfabetização e ajuda em todas as disciplinas, já que o principal suporte para o aprendizado na escola é o livro didático. Ler também é importante porque ajuda a fixar a grafia correta das palavras.

Quem é acostumado à leitura desde bebezinho se torna muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida. Isso quer dizer que o contato com os livros pode mudar o futuro dos seus filhos. Pesquisas realizadas nos Estados Unidos, por exemplo, a Fundação Nacional de Leitura Infantil (National Children's Reading Foundation) garante que, para a criança de 0 a 5 anos, cada ano ouvindo historinhas e folheando livros equivale a 50 mil dólares a mais na sua futura renda.

Aqui no Brasil, de acordo com o Ministério da Educação (MEC) e outros órgãos ligados à Educação, a leitura, essa prática traz os seguintes benefícios:

- Desenvolve o repertório: ler é um ato valioso para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. É uma forma de ter acesso às informações e, com elas, buscar melhorias para você e para o mundo.
- Liga o senso crítico na tomada: livros, inclusive os romances, nos ajudam a entender o mundo e nós mesmos.
- Amplia o nosso conhecimento geral: além de ser envolvente, a leitura expande nossas referências e nossa capacidade de comunicação.
- Aumenta o vocabulário: graças aos livros, descobrimos novas palavras e novos usos para as que já conhecemos

- Estimula a criatividade: ler é fundamental para soltar a imaginação. Por meio dos livros, criamos lugares, personagens, histórias...
- Emociona e causa impacto: quem já se sentiu triste (ou feliz) ao fim de um romance sabe o poder que um bom livro tem.
- Muda a vida: quem lê desde cedo está muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida.
- Facilita a escrita: ler é um hábito que se reflete no domínio da escrita. Ou seja, quem lê mais escreve melhor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail V. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 3.ed. Brasília: A secretaria, 2001.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3° Ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 7.ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**-21ª Edição- São Paulo. Editora Paz e Terra, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico** /4 ed-São Paulo. Revista e Ampliada. Atlas, 1992.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MONTEIRO, Mara M. **A aprendizagem da leitura e da escrita**. IN:____ Leitura e escrita: uma análise dos problemas de Aprendizagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer: interação participativa com a literatura infantil na escola**. São Paulo: Paulinas, 1996.
- PIRES, Diléa Helena de Oliveira. **"Livro...Eterno Livro..."** In: Releitura. Belo Horizonte: março de 2000, vol. 14
- SILVA, Ana Araújo. **Literatura para Bebês**. Pátio, São Paulo, n.25, p. 57-59, Fev/Abr.2003.
- VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento Psicológico na Infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ZILBERMANN, Regina; Lajolo, Marisa. **Literatura Infantil – História e Histórias**

